Prefácio

Por mais que se pretenda que todos os séculos se parecem, a época atual não tem precedente na história. Vemos o que o mundo jamais viu; e que vemos? A insurreição universal das nações chamadas cristãs contra o cristianismo, que as tirou da barbárie e que as impede de nela recair.

Com um conjunto e uma persistência que levam o terror à alma, ataques diversificados de mil maneiras, ora hipócritas, ora violentos, governamentais e populares, negações audaciosamente radicais, caem todos os dias, a toda hora, sobre o cristianismo, acusado de todos os crimes, como os projéteis de um exército inumerável contra as muralhas de uma cidade sitiada.

O mundo atual é, pois, um campo de batalha. A luta é sem trégua. O cristianismo é a aposta do combate. Atacá-lo ou defendê-lo; bendizê-lo ou maldizê-lo; expulsá-lo ou conservá-lo: eis, na Europa inteira e até além dela, a última palavra de todas as questões chamadas sociais, políticas, industriais, econômicas, científicas.

Para as nações como para os indivíduos, o cristianismo é a vida. É a vida porque, sendo, e sendo só ele, a razão do poder e do dever, é a ordem, sem a qual nada pode existir. Defender a vida, em si e nos outros; defendê-la com uma energia proporcionada à violência do ataque, é o dever supremo, não só de todos e de cada um dos católicos, mas de todo homem que não sente a necessidade de tornar-se bárbaro. Com o reinado das ilusões, passou o tempo da indiferença.

De pé, e armas na mão!

Como o século XIX salvará a sua vida? Envolvendo-se na armadura impenetrável aos dardos inflamados do inimigo? Que arma vitoriosa oporá às armas dele? A arma que jamais foi quebrada, que jamais enferrujou; a arma que, há dezoito séculos, manejada pelo cristão, por mais fraco que fosse, sempre deixou no campo de batalha os mais altivos generais, como os mais simples soldados do exército inimigo. Qual é essa armadura? Qual é essa arma? A Fé.[1]

A fé repousa nos milagres. Fazer brilhar com todo o seu esplendor, aos olhos do mundo atual, os milagres, bases inabaláveis da fé, a fim de lhes dar toda a sua força defensiva e ofensiva: não é, perguntamos, o serviço maior e mais justificado que se pode prestar ao que ainda resta sobre a terra de católicos e de homens seriamente preocupados com o futuro?

Entre os numerosos milagres de que resplandece o cristianismo, há dois, sempre antigos e sempre novos, que por seu brilho dominam todos os outros. Esses milagres são dois fatos contra os quais, há dezoito séculos, fracassaram todos os assaltos da incredulidade, e contra os quais eles virão eternamente a quebrar-se, como a flecha impotente do árabe fugitivo contra a imóvel pirâmide do deserto.

Esses dois milagres estão contidos no fato do estabelecimento do cristianismo, e se traduzem neste dilema impiedoso, que não deixa ao incrédulo outra saída senão a fé ou a loucura:

O cristianismo estabeleceu-se com milagres ou sem milagres: qual dos dois quereis? Se o cristianismo se estabeleceu por milagres, é verdadeiro; pois Deus não pode fazer milagres para autorizar a mentira; e a fé do cristão repousa sobre uma rocha indestrutível.

Se o cristianismo se estabeleceu sem milagres, é o maior dos milagres; e elevais a fé do gênero humano à sua mais alta potência.

Com efeito, o triunfo da fraqueza sobre a força; das vítimas sobre os algozes; de doze pobres pescadores, ignorantes e grosseiros, sobre todos os poderes humanos conjurados contra eles, é um milagre como jamais se viu. A razão é que se pode desafiar o sofista mais sutil a achar uma relação lógica, direta ou indireta, entre os meios e o fim, entre a causa e o efeito. O triunfo da fraqueza sobre a força, no estabelecimento do cristianismo, nós o conhecemos.[2]

Há outro, não menos miraculoso: é a propagação rápida e, por assim dizer, instantânea do cristianismo por toda a terra.

Doze pescadores, partidos das margens de um pequeno lago da Galileia, fazendo chegar, em vinte e quatro anos, a verdade evangélica até os confins do globo, fazendo-a compreender e aceitar a povos os mais diferentes em costumes, crenças, usanças e civilização, separados por distâncias quase infinitas: que fato acima das só forças humanas, e quantos obstáculos a vencer!

Acrescentai que a esse resultado, sem exemplo na história, se opunham obstáculos de toda espécie.

Obstáculos morais: os preconceitos e as paixões de todos os povos civilizados ou bárbaros.

Obstáculos morais: a pobreza dos novos pregadores. Pedro, seu chefe, que vivia da venda do seu peixe, não se tornara mais rico fazendo-se apóstolo. Ao contrário, deixara o ganha-pão, abandonando a barca e as redes. Para não morrer de fome, vivia de esmolas e contentava-se, como alimento ordinário, com alguns tremoços. Paulo, seu mais ilustre companheiro, fazia-se irmão esmoler por toda a Ásia, tanto para si como para seus irmãos. Os outros operários evangélicos partilhavam a indigência de seus chefes.

Obstáculos morais: o desprezo universal ligado ao nome de Judeus, desprezo tornado popular pelos poetas.

Obstáculos morais: a ignorância das belas maneiras, da filosofia, da política, da ciência e da língua dos povos civilizados; que sei eu mais?

Obstáculos materiais: as incríveis fadigas ocasionadas por viagens incessantes do Oriente ao Ocidente e do Ocidente ao Oriente; não somente numa cidade ou numa nação do duplo continente, mas em todas as províncias e nas principais cidades de cada povo.

Obstáculos materiais: as cadeias e as prisões; as tempestades e os naufrágios três vezes repetidos.

Obstáculos materiais: as dificuldades dos transportes, a diferença dos climas, os ardores do Meio-Dia e os gelos do Norte; enfim, os obstáculos e perigos de toda sorte, dos quais são Paulo deixou à posteridade a longa enumeração:

> *...em perigos de morte muitas vezes. Dos Judeos recebi cinco quarentenas de açoutes, menos hum. Tres vezes fui açoutado com varas, huma vez fui apedrejado, tres vezes fiz naufragio, huma noite e hum dia estive no profundo do mar, em jornadas muitas vezes, eu me vi em perigos de rios, em perigos de ladrões, em perigos dos da minha nacão, em perigos dos Gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos: em trabalho, e fadiga, em muitas vigilias, com fome, e sede, em muitos jejuns, em frio, e desnudez.*[3]

Essa propagação instantânea e universal do cristianismo, apesar da conjuração de todos os obstáculos morais e materiais, é um milagre não menos esplêndido que o triunfo da fraqueza sobre a força; mas é muito menos conhecido. Muitos até ousam contestá-lo. Pô-lo em plena luz é o objeto deste estudo.

Como já foi dito, sob pena de abandonar o campo de batalha, é necessário, às negações radicais de nossa época, opor uma afirmação radical e mostrar, provas em mãos, a ignorância ou a má-fé dos negadores. Quem o creria? Desafiando um justo desprezo, pretensos sábios repisam hoje e servem como novas as velhas objeções, vinte vezes refutadas, dos hipercríticos jansenistas e galicanos dos últimos séculos contra a evangelização apostólica do globo em geral, e das Gálias em particular.

Entre eles está um desconhecido que, sob o pseudônimo de Faustulus, escreve artigos de jornal sobre a ignorância do clero, notadamente no que toca à história da fundação de nossas igrejas.

Nosso trabalho tem, pois, duplo objetivo: estabelecer a evangelização apostólica do globo, em geral; e a evangelização apostólica das Gálias, em particular.

Que Deus, em sua bondade, se digne abençoar o autor e os leitores desta obra, empreendida para a sua glória!

Notas

[1] *Quoniam omne quod natum est ex Deo, vincit mundum: et haec est victoria, quae vincit mundum, fides nostra.* — «Porque todo o que he nascido de Deos, vence ao mundo: e esta he a victoria, que vence ao mundo, a nossa fé» (1 Jo 5, 4).

[2] Procuramos popularizá-lo em nosso opúsculo intitulado *Credo*.

[3] *Ministri Christi sunt (ut minus sapiens dico), plus ego : in laboribus plurimis, in carceribus abundantius, in plagis supra modum, in mortibus frequenter. A Judæis quinquies, quadragenas, una minus, accepi. Ter virgis cæsus sum, semel lapidatus sum : ter naufragium feci, nocte et die in profundo maris fui, in itineribus sæpe, periculis fluminum, periculis latronum, periculis ex genere, periculis ex gentibus, periculis in civitate, periculis in solitudine, periculis in mari, periculis in falsis fratribus : in labore et ærumna, in vigiliis multis, in fame et siti, in jejuniis multis, in frigore et nuditate,* (2 Cor 11, 23-27)

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:13 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin